

Bandeiras negras na Amazônia: os grupos de afinidade anarquistas em Belém do Pará (1912-1927)

*Marcos Lucas Abreu Braga**

Resumo

Com base na consulta de jornais da imprensa operária e anarquista, tanto do estado do Pará quanto de São Paulo, se buscou analisar a atuação dos grupos de afinidade anarquistas em Belém do Pará ao longo das décadas de 1910 e 1920. Foi feito um levantamento dos grupos que atuaram na cidade ao longo deste período e foram analisadas as táticas e formas de atuação empregadas por eles em sua militância, em especial no que diz respeito à relação entre estes grupos e os sindicatos e associações classistas belemenses, além de compará-los com seus congêneres paulistanos, espanhóis e argentinos.

Palavras-chave: Anarquismo; Grupos de Afinidade; Movimento Operário; Belém do Pará.

Abstract

Based on the consultation of worker's and anarchist newspapers, from both the state of Pará and São Paulo, if sought to study the performance of anarchist affinity groups throughout the 1910s and 1920s. A survey was made of the groups that worked in the city during this period and analyzed the tactics and forms of action employed by them in their militancy, especially with regard to the relationship between these groups and the unions and class associations from Belém, in addition to comparing them with their counterparts in São Paulo, Spain and Argentina.

Keywords: Anarchism; Affinity Groups; Labor Movement; Belém do Pará.

Considerações iniciais

Assim como outros grandes centros urbanos brasileiros, Belém foi palco de uma intensa agitação dos trabalhadores urbanos na década de 1910, especialmente em seus anos finais. Neste decênio de profunda crise econômica na cidade, iniciada devido à queda do preço do principal produto de exportação da região Norte (a borracha) que gerou falências e carestias e potencializada pelos efeitos da Grande Guerra, foram fundados dezenas de sindicatos e associações classistas¹, mais de dez jornais escritos e/ou destinados ao proletariado local vieram a lume e dezenas de movimentos paredistas foram empreendidos por várias categorias profissionais, além de quatro grandes greves gerais: a de 1914, as de outubro e novembro de 1918 e a de maio 1919, bem como uma intensa atividade cultural ligada aos sindicatos e demais organizações classistas foi levada a

* Licenciado em História pela Universidade Federal do Amazonas e mestrando em História pela mesma instituição.

¹ Adriano Craveiro de Oliveira (2019, p. 36-37), levantando os estatutos de sindicatos e sociedades mutualista de trabalhadores do Pará entre as décadas de 1840 a 1930, aponta a década de 1910 como a de maior incidência de fundação destas entidades no estado.

Bandeiras negras na Amazônia...

cabo, com a encenação de peças teatrais, organização de conferências, escolas e bibliotecas. A *União Geral dos Trabalhadores* (UGT), federação de organizações operárias aderente ao sindicalismo revolucionário fundada no início de 1914, foi em grande medida a entidade responsável por coordenar as ações dos trabalhadores neste momento; após o fechamento da UGT, em novembro de 1918, este papel foi assumido *Federação das Classes Trabalhadoras do Pará* (FCT), também de tendência sindicalista revolucionária.

No interior destas manifestações, grupos de distintas correntes políticas e ideológicas – que incluíam colaboracionistas, socialistas e reformistas de diversos matizes e mesmo grupos ligados às oligarquias “lemistas” e “lauristas” que dominavam a vida político-eleitoral do estado – disputavam o apoio dos trabalhadores belemenses para os seus projetos de sociedade. O objetivo deste artigo é investigar a atuação dos militantes de uma destas correntes neste contexto, aqueles que levantavam a bandeira negra do socialismo libertário, mais conhecido como anarquismo. Para tanto, será feito um mapeamento dos “grupos de afinidade anarquistas” (os quais serão definidos a seguir) que atuaram entre 1912 a 1927, marcos do primeiro e do último grupo localizados, bem como se analisará as táticas, estratégias e formas de atuação que eles empregavam em sua militância, em especial a sua relação com os sindicatos e associações classistas atuantes naquele momento.

Acompanhamos Felipe Côrrea (2012) quando este define o anarquismo como a ideologia – isto é, um conjunto de ideias – surgida no interior do movimento operário e socialista europeu na segunda metade do século XIX, mas que posteriormente se expandiu para todos os continentes, sendo profundamente crítica à dominação nas diversas esferas da vida humana, tanto na econômica quanto na políticas/jurídica, social, étnica, nacional, de gênero, religiosa, cultural/ideológica etc., e que defende uma transformação social revolucionária com o objetivo de construir uma sociedade baseada na autogestão e em relações horizontais, onde não haja dominação de seres humanos sobre outros.

Nos primeiros estudos historiográficos sobre o movimento operário da Primeira República (1889-1930), o anarquismo foi indicado como a corrente política-ideológica hegemônica entre os trabalhadores, de forma que os dois movimentos foram encarados quase como sinônimos. Estudos posteriores demonstraram que aquela visão era superficial e ignorava a grande pluralidade de correntes presentes entre os trabalhadores que se organizavam naquele momento.² No que pese essas observações, o anarquismo continua a ser uma temática que suscita questionamentos e

² Muitos autores se dedicaram a esta crítica, cf. BATALHA, 2007, p. 117-127; BIONDI, 2007.

estudos, a partir de novas abordagens e perspectivas³ além de ter sido relativamente pouco estudado em suas manifestações em localidades fora do eixo Rio-São Paulo, como Belém.⁴

Para os objetivos propostos, serão usadas como fontes os jornais operários e anarquistas que circularam naquele contexto, tanto os produzidos pelos grupos de trabalhadores libertários paraenses, como *A Revolta*, *O Semeador* e *A Voz do Trabalhador*, quanto os produzidos em outras regiões do Brasil, notavelmente São Paulo, como *A Lanterna*, *Guerra Sociale* e *A Plebe*, cujas redações frequentemente trocavam correspondência com os primeiros e por vezes davam publicidade as atividades dos libertários nortistas, muitas das quais não foram divulgadas por outros meios – tornando-se, desta forma, fontes privilegiadas para conhecê-los.⁵

Os “grupos de afinidade” anarquistas

Edilene Toledo (1998), em análise sobre a difusão do anarquismo na cidade de São Paulo no início do século XX, identificou nos “grupos de afinidade” a “base da vida política do anarquismo” naquele centro urbano, sendo mesmo “a célula organizativa do movimento anarquista tradicional”. Alguns dos grupos mais destacados na capital paulista nas duas primeiras décadas do novecentos, listados pela autora, foram o Grupo Socialista Anarquista “O Amigo do Povo” – que se congregava em torno do jornal de mesmo nome – o Círculo Educativo Libertário Germinal, o Grupo Filhos da Era Anarquista, o Grupo *La Propaganda*, o *Pensiero e Azione*, e o *Nuva Civiltá*, dentre outros (TOLEDO, 1998, p. 89-113).

Como características gerais destes grupos, Toledo apontou o caráter voluntário da cooperação de seus participantes; a constituição espontânea deles; a falta de uma estrutura fixa, já que os membros poderiam entrar pela indicação de um amigo ou conhecido e deixar de participar quando quisessem; bem como a transitoriedade de seus membros, já que “é bem provável que um mesmo militante participasse ao mesmo tempo de diversos grupos”, no mesmo período ou ao longo dos anos. Ainda segundo Toledo, eles eram primordialmente centros de discussão, mas alguns se especializavam em atividades concretas como a criação e manutenção de escolas, a publicação e distribuição de livros e folhetos, a criação de centros de estudos e bibliotecas, a

³ Cf. ANARQUISMOS: história e historiografia em perspectivas multidisciplinares e interseccionais. *Revista Crítica Histórica*, ano X, n. 20, v. 11, dezembro/2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/issue/view/475>. Acesso em 17 jun. 2022.

⁴ Destaca-se, neste sentido, a tese de doutorado de Edilza Fontes (2002) que, embora tenha como temática a imigração de portugueses para o estado do Pará, dedicou uma seção à atuação de anarquistas de origem portuguesa em Belém e o trabalho de Vicente Salles (1992) sobre o pensamento político e revolucionário no Grão-Pará entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, no qual é mencionada a presença do anarquismo quando aborda o movimento operário paraense.

⁵ A troca de correspondência e a procura da manutenção de vínculos com grupos análogos em outras regiões do país ou mesmo de outros países foi uma prática constante entre os grupos anarquistas, expressão do internacionalismo do movimento naquele momento (SANTOS, 2020, p. 34-65).

Bandeiras negras na Amazônia...

correspondência com grupos de outras regiões ou de outros países, a publicação de jornais, a organização de apresentações teatrais, dentre outras. Quanto à sua composição, “eram constituídos em sua grande maioria por trabalhadores”, embora também pudessem incluir membros marginalizados, ou *lupemproletarios*, em suas fileiras (TOLEDO, 1998, p. 106).

Este tipo de organização não foi exclusiva de São Paulo ou do Brasil, mas teve correspondentes análogos em outros países onde o anarquismo gerou um movimento social expressivo, como os *grupos de afinidad* na Espanha, existentes desde o final do século XIX, mas que ganharam grande expressividade na década de 1930 (MEDINA, 2020, p. 215-240), ou os círculos libertários da Argentina da virada do século XIX para o século XX, que “estaban regidos por la libre asociación, llamada también «unión por afinidades», siendo ésta la forma de reunión tradicional dentro del anarquismo” (DE MONTOYA, 1986, p. 56). Sobre estes últimos, Eva Golluscio de Montoya (1986, p. 53-54) explicou que:

Las características de los grupos fueran las siguientes: la carencia de marcos internos permanentes, la autonomía en la acción, el a-partidismo, el autofinanciamiento, el rechazo de estructuras de representatividad, la descentralización en el espacio y la no obligación de continuidad en el tiempo, la libre asociación y el federalismo.

Guardadas as devidas especificidades temporais e espaciais, seguramente existentes, os grupos argentinos, espanhóis e brasileiros seguiram a mesma tática de organização. Cabe destacar que o “grupo de afinidade” é um conceito ético para designar os coletivos formados não por categorias profissionais ou ramos de indústria, mas por afinidades pessoais e/ou ideológicas de seus membros. No vocabulário daquele período, estes coletivos se designavam como “grupos”, “círculos” ou “centros”. Na cidade de Belém no período em tela, foram encontradas organizações semelhantes às descritas por Toledo em São Paulo, gerando a hipótese de que esses grupos também formavam a base da vida política dos anarquistas na capital amazônica. A seguir, será feito um levantamento destes grupos e o apontamento de suas formas de atuação.

Bandeiras negras na imensidão verde

Vicente Salles (1992), esboçando a história do pensamento político-revolucionário do Grão-Pará, detectou entre as duas vertentes da ideologia republicana na província do Pará, nas décadas finais do oitocentos, uma socialista, com reminiscências de socialistas pré-marxistas e “laivos de ideias anarquistas.” Ao longo de seu *Memorial da Cabanagem*, Salles (1992, p. 181-198) expôs alguns desses “laivos”: o literato e educador José Veríssimo, por exemplo, leu e simpatizou com Piotr Kropotkin, a quem qualificava de “doce anarquista” e Léon Tolstói, que denominava de “anarquista evangélico”, além de ser antimilitarista e anticlerical. Ao se mudar para a então capital

federal, Veríssimo fez parte do corpo docente da *Universidade Popular de Ensino Livre*, instituição de ensino criada por lideranças sindicais cariocas em 1904 e destinada a formação de trabalhadores (HARDMAN; LEONARDI, 1982, p. 326). As ideias anarquistas e socialistas repercutiram tanto no estado nortista ao ponto do político e intelectual Domingos Antônio Raiol, o “Barão de Guajará”, ter dedicado espaço em seu livro *Visões do Crepúsculo* (1898) para combater-las (RICCI; LIMA, 2013, p. 367-290), além de editoriais nos grandes jornais paraenses terem se oposto a elas, noticiando os atentados perpetrados por anarquistas da Europa à América do Sul na década de 1890.

O primeiro militante anarquista registrado pela bibliografia em solo paraense – até o momento – foi Armando Schivazappa, imigrante de origem italiana que residiu no Pará nos anos finais do século XIX, autor da peça de cunho social intitulada *A Greve dos Ferreiros*, representada em Belém em 1897 pelo grupo teatral Luz e União e que, nas palavras de Salles, “muito deu o que falar” na cidade (SALLES, 2007, p. 68). Italianos também foram responsáveis pela publicação na capital paraense da folha de edição única *Un Anniversário: Rivendicazione*, que veio a lume no ano de 1901 em memória do anarquista italiano Gaetano Bresci, que no ano anterior tinha assassinado o rei da Itália Humberto I (HARDMAN; LEONARDI, 1982, p. 311). Este foi, pelo menos pelo que se conhecimento até o momento, o único periódico operário publicado em língua estrangeira na atual Região Norte do país no período da Primeira República.

Esses indícios sugerem que pessoas que simpatizavam ou aderiram ao anarquismo já podiam ser encontradas no estado do Pará nos anos finais do século XIX. No entanto, foi somente na década de 1910 que ocorreu um recrudescimento das suas atividades em Belém, sobretudo no meio da classe trabalhadora, acompanhando a já mencionada vaga de agitação operária que se verificou na capital paraense neste decênio. Esta atuação foi tão intensa que Edilza Fontes defendeu a ideia de que as greves de 1913 e 1914 em Belém tiveram orientações anarquistas, com diversos militantes libertários sendo expulsos do país entre 1914 e 1915 em razão de suas atuações nas greves e nos sindicatos (FONTES, 2002, p. 246-280), muitos dos quais também fizeram parte dos grupos de afinidade.

Os núcleos libertários em Belém procuraram manter contato com seus congêneres em outras regiões do país – *quiçá* com os de outros países, já que muitos dos seus integrantes eram imigrantes estrangeiros – como com os redatores do *A Lucta Social*, periódico operário publicado em Manaus ao longo de 1914 (TELES, 2016, p. 6-15). Um dos principais grupos com os quais os paraenses mantiveram uma intensa troca de correspondência foi a redação do jornal anticlerical

Bandeiras negras na Amazônia...

paulistano *A Lanterna*⁶, que por vezes publicou as cartas e mensagens dos seus interlocutores na coluna *bilhetes e recados* ou os divulgou na coluna *núcleos de vanguarda*.

É por meio do jornal paulistano que se pode conhecer alguns dos grupos belemenses, como o *Centro Humanitário Amor, Ciência e Liberdade*, instalado em 1º de maio de 1912. Segundo Cícero Barros, secretário do *Centro* e remetente da carta publicada n^o *A Lanterna* que informou sua instalação, ele foi fundado por um “grupo de jovens livre-pensadores”, cujo principal objetivo era “desenvolver a educação racional e combater a imunda clericalinha” e contava com “perto de 100 associados” quando de sua fundação, divididos em três grupos: o literário, o humanitário e o anticlerical; seu patrono era Francisco Ferrer y Guardia – pedagogo anarquista fuzilado na Espanha em 1909 – e “todos os seus membros são propagadores dos ideais modernos”.⁷

Em outra ocasião, o *Centro* expôs seu desejo de “entrar em relações com todos os jornais, sociedades e grupos operários e de propaganda do Brasil e do exterior”, divulgando seu endereço: estrada de São Braz, n^o 36.⁸ Além do jornal paulistano, o *Centro* paraense também trocou correspondência com a Confederação Operária Brasileira (COB) sediada no Rio de Janeiro (RODRIGUES, 1979, p. 157); *A Voz do Trabalhador*, porta-voz da *Confederação*, informou que o *Centro* paraense respondeu a circular enviada pela entidade nacional sediada na capital federal e que em breve ele também estaria confederado à COB (SANTOS, 2021, p. 53).

No final do mesmo ano, *A Lanterna* publicou a correspondência da organização belemense onde os seus membros informaram a fundação da *Liga Anticlerical do Pará*, anexa ao próprio *Centro* – que retirou o “Humanitário” de seu nome – em 13 de outubro (não por acaso no aniversário do assassinato de Ferrer), e divulgam um protesto contra o Congresso Operário de 1912⁹ – o qualificando como “congresso dos falsos operários” – que foi assinado por cerca de trinta nomes de “agremiados do C.A.C e Liberdade e os alunos da Escola Livre ‘Século XX’, compostos por operários e filhos de operários livres-pensadores”. Os nomes em anexo são os de:

André Lobo, Lucila Monteiro, Clarindo Castro, Esmeraldo Mota, A. Castelo Branco, Alberto Abreu, Diocécio Banhos, Alberico Aguiar, Alcides Silva, Júlio Carneiro, Lincoln Pires, Manoel Monteiro, Nestor Galvão, José de Almeida, Clara de Almeida, Djalma Caldas, Anatólio Caldas, Ana Monteiro, Eduardo

⁶ Jornal anticlerical que teve três fases: a primeira, de 1901 a 1904, sob direção do advogado Benjamin Mota, a segunda de 1909 a 1916 e a terceira de 1932 a 1935, ambas sob direção do tipógrafo e militante anarquista Edgard Leuenroth. Nesta segunda fase, com a qual os militantes libertários paraenses trocaram correspondências, além do anticlericalismo o jornal dedicou espaço a conteúdos relacionados ao mundo do trabalho e às organizações sindicais (SANTOS, 2019, p. 20-38).

⁷ BARROS, Cícero. “Núcleos de vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo, n^o 143, 15 jun. 1912. p. 4.

⁸ “Núcleos de vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo, n^o 154, 31 ago. 1912. p. 4.

⁹ Este congresso, realizado em novembro de 1912, ficou conhecido pelos anarquistas, sindicalistas revolucionários da época e por parte da historiografia posterior como “Congresso Pelego”, já que foi convocado pelo deputado Mário Hermes, filho do então presidente Hermes da Fonseca, e contou com o apoio do governo federal, gerando protestos entre os setores mais radicais do operariado brasileiro (cf. GOMES, 1988, p. 122; HARDMAN; LEONARDI, 1982, p. 336; 347).

Guerra, José Loureiro, José Cesar, Artur Aguiar, Abel Nogueira, José Nogueira, Adolfo Ferron, José Conde, Júlio Barbarro, Manoel Salgado, Antônio Dominguez.¹⁰

Destaca-se nesta lista a presença de algumas mulheres e nomes/sobrenomes que indicam a origem estrangeira de alguns dos assinantes. Ainda na mesma ocasião, a então secretária correspondente, Lucila Monteiro, também informou à redação d'A *Lanterna* a composição do conselho administrativo desta organização, que em suas palavras tinha como principal fim “manter uma biblioteca e uma escola prática para o desenvolvimento intelectual e a educação racional dos seus associados e alunos, compostos exclusivamente de livres-pensadores”.¹¹

Em nenhum momento este grupo se auto definiu como anarquista, pelo menos não na documentação consultada, mas fundamentalmente como anticlerical e defensor do livre-pensamento, embora alguns indícios apontem que havia uma forte influência do anarquismo entre estes “propagadores de ideais modernos”: a simpatia por Francisco Ferrer e seu método educacional, o contato com e o interesse por organizações operárias – inclusive, o grupo aparenta ter sido formado majoritariamente por trabalhadores –, o próprio anticlericalismo e a presença de pelo menos dois anarquistas em suas fileiras: o sapateiro Antônio Domingues e o chofer Eduardo Guerra, que assinaram o protesto contra o Congresso Operário de 1912. Ambos foram expulsos do Brasil entre 1914 e 1915 devido a suas atuações nos movimentos grevistas em Belém (FONTES, 2002, p. 246-280).

Ângela de Castro Gomes (1988, p. 127), analisando a atuação dos anarquistas na então capital federal na mesma década, percebeu que os libertários não restringiram sua militância exclusivamente às greves e aos sindicatos, mas se envolveram em uma ampla gama de campanhas e de agitações populares, como as contra a guerra, contra a carestia de vida, por moradia e a anticlerical. Quanto a esta última, a autora também asseverou que:

A importância do anticlericalismo para a doutrina e propaganda anarquista era muito grande e se conjugava tanto com a defesa que faziam do livre pensamento dos homens, quanto com sua crença no progresso social orientado pela ciência e pela experiência. Muitas lideranças expressivas iniciaram sua vinculação com o movimento anarquista a partir de uma postura anticlerical, como por exemplo Everardo Dias, Benjamin Motta e José Oiticica (GOMES, 1988, p. 107).

A relação estreita entre os anarquistas e o anticlericalismo foi apontado por outros autores: Beatriz Loner (2011, p. 184) expôs que no Rio Grande do Sul da década de 1920 eles se centraram mais nos grupos de livre-pensamento e nas ligas anticlericais do que no movimento operário, então em crise naquele estado. Desta forma, mesmo que o *Centro* não tenha sido formado exclusivamente

¹⁰ “Núcleos de vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo, n° 169, 14 dez. 1912. p. 4.

¹¹ Idem.

Bandeiras negras na Amazônia...

por anarquistas (e talvez o fosse), estes podem ter visto nele um espaço de organização e para a propagação dos seus ideais; não foram encontradas outras referências a ele, o que é um indicativo que tenha se dispersado entre o final de 1912 e o início de 1913.

Outro grupo belemense que trocou correspondência com *A Lanterna* foi o *Centro Libertário Porvir*, fundado em setembro de 1913 (por remanescentes do anterior?) como “um núcleo de propaganda anarquista na grande cidade nortista”, pretendendo manter sua ação “com especial cuidado no meio dos trabalhadores”.¹² Em outubro do mesmo ano, este *Centro* organizou uma seção magna em memória do assassinato do educador catalão Francisco Ferrer y Guardía, presidida por Humberto Simões, secretariado por João Pinto Coelho e Eduardo Almeida Chaves, tendo como orador principal Antônio da Costa Carvalho. Na mesma ocasião, foi fundada a Escola 13 de Outubro, em referência ao educador espanhol.¹³ Pode-se encontrar referências do *Centro Libertário* em *A Lanterna* pelo menos até o início de 1914, quando a correspondência ainda deveria ser remetida para a caixa postal nº 342.¹⁴

Ou ainda o *Grupo Anarquista Amigos da Verdade*, fundado em abril de 1915 “com o intuito de desenvolver de [sic] todos os meios a propaganda libertária”, que *A Lanterna* muito folgou em anunciar a fundação.¹⁵ A correspondência para o grupo deveria ser remetida para Júlio Durval – chofer de origem portuguesa que seria expulso do Brasil algumas semanas depois devido à sua atuação nas greves de Belém (FONTES, 2002, p. 146-280) – caixa postal nº 342, indicando algum grau de ligação entre este grupo e o anterior, já que a correspondência deveria ser enviada para o mesmo endereço.

Os *Amigos da Verdade* atuaram mais ou menos no mesmo período que o *Grupo Anarquista os Perseguidos*, fundado em primeiro de janeiro do mesmo ano. Como os membros deste último não dispunham de recursos materiais e pecuniários, solicitaram aos seus congêneres de outras partes do país que lhes enviassem livros, revistas, folhetos e jornais para fins de propaganda em Belém.¹⁶ Os *Perseguidos* trocaram correspondência com os redatores da revista anarquista carioca *A Vida*, também solicitando o envio de publicações e a comunicação do seu endereço à outros núcleos libertários do país; as cartas deveriam ser enviadas para João Plácido, rua Bernardo Couto nº 50-A, ou para Secundino Conde, travessa Frutuoso Guimarães, nº 62.¹⁷

Um dos membros do *Os Perseguidos*, Álvaro Arthur, participou de um concurso de versos com temática anticlerical promovido pela *A Lanterna* – do porquê de padres não pagarem impostos

¹² “Núcleos de Vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo, nº 210, 27 set. 1913. p. 4

¹³ “13 de outubro”. *A Lanterna*, São Paulo, nº 216, 8 nov. 1913. p. 3.

¹⁴ “Núcleos de Vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo, nº 227, 24 jan. 1914. p. 3.

¹⁵ “Núcleos de Vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo, nº 278, 10 abr. 1915. p. 3.

¹⁶ “Núcleos de Vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo, nº 295, 27 fev. 1915. p. 3.

¹⁷ “Vida Anarquista”. *A Vida*, Rio de Janeiro, nº 3, 31 jan. 1915. p. 16.

– enviando seus versos à redação do jornal paulistano, que os publicou.¹⁸ Este grupo parece ter perdurado até pelo menos meados do ano seguinte, com seus membros fazendo “a regular distribuição de folhetos”.¹⁹

Além d’*A Lanterna* e d’*A Vida*, o grupo *Os Perseguidos* trocou correspondência com e recebia exemplares do periódico bilingue ítalo-brasileiro, *Guerra Sociale*, publicado em São Paulo, como fica expresso em uma carta enviada por João Plácido à redação deste jornal declarando a adesão do grupo à *Aliança Anarquista*, organização formada na capital paulista no final de 1916.²⁰ Outro membro deste grupo foi Gentil da Cunha Santos, um dos expulsos de Belém em 1914, por causa de sua participação nas greves daquele ano (FONTES, 2002, p. 246-280), para quem deveriam ser dirigidos jornais, panfletos e publicações diversas, conforme o apelo publicado no *Guerra Sociale*.²¹

Em meados de 1919, acompanhando a nova onda de greves que ocorreu na cidade, foi organizado o grupo *Aurora Libertária*, que congregou principalmente trabalhadores do ramo da construção civil, como Alexandre Queirós, Tito Salgado e José Marques da Costa (chegado pouco tempo antes de Manaus); além do sapateiro José Clemente e de Aluísio Pereira, dentre outros nomes. Este grupo fez publicar o quinzenário *A Revolta*, onde podia-se ler transcrições de textos teóricos de anarquistas como Jean Grave e Piotr Kropotkin, textos propagandísticos e artigos doutrinários, denúncias de acidentes de trabalho ou atrasos dos salários, textos anticlericais e notícias do movimento em outros estados do Brasil ou em outros países. O periódico foi publicado por pelo menos quinze números entre o final de julho de 1919 até os primeiros meses de 1920.²²

Além do semanário, o grupo também atuou na troca de correspondência com redações periódicos de outros estados do Brasil ou de outros países. Entre os jornais que os redatores de *A Revolta* trocavam correspondência estavam o *Tribuna do Povo*, de Pernambuco; *A Aurora: quinzenário anarquista*, da cidade portuguesa do Porto; *A Batalha*, “porta-voz da organização operária portuguesa”, de Lisboa, Portugal; *A Plebe: semanário anarquista*, do estado de São Paulo; *A Sementeira*, também de Lisboa, Portugal; além do seu contemporâneo, conterrâneo e congênere *O Semeador*. Os endereços desses jornais eram divulgados na coluna “Leitura Proveitosa”, em geral localizada na última página d’*A Revolta*. Também realizavam a impressão de livros de conteúdo social de

¹⁸ ARTUR, Alvaro. “Um interessante concurso”. *A Lanterna*, São Paulo, nº 279, 1º mai. 1915. p. 3.

¹⁹ “Núcleos de Vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo, nº 290, 22 jul. 1916. p. 3.

²⁰ “Bolletino dell’Alleanza Anarchica”. *Guerra Sociale*, São Paulo, nº 34, 30 nov. 1916. p. 1.

²¹ “Bolletino dell’Alleanza Anarchica”. *Guerra Sociale*, São Paulo, nº 38, 27 jan. 1917. p. 1.

²² No arquivo digital da CEDEM/UNESP estão preservados os oito primeiros números, publicados entre 26 de julho a 25 de outubro de 1919. No entanto, uma nota publicada no jornal *O Semeador*, em março de 1920, noticiou o atraso do décimo sexto número do *A Revolta*, o que indica que foram publicados pelo menos quinze: “A Revolta”. *O Semeador*, Belém, nº 43, 13 de mar. 1920. p. 4.

Bandeiras negras na Amazônia...

autores anarquistas europeus, que eram vendidos na própria redação sob responsabilidade de Eduardo Pereira.²³

Nos primeiros meses de 1920, o *Aurora Libertária* deixou de existir e seus membros se integraram ao grupo *Os Semeadores*, fazendo com que os jornais de ambas as agrupações também se fundissem para dar origem ao semanário *A Voz do Trabalhador*, patrocinado pela FCT da qual se tornou porta-voz.²⁴

O grupo de militantes que se dispõe de mais informações foi o *Os Semeadores*, formado entre o final de 1918 e o início de 1919, provavelmente a partir dos contatos e articulações que diversos trabalhadores fizeram nas greves gerais daquele momento ou da fusão de alguns grupos anteriores. Este grupo se envolveu em uma série de atividades, dentre as quais a principal e mais significativa foi a publicação do jornal *O Semeador*, que veio a lume regular e semanalmente entre abril de 1919 e março de 1920, tirando quarenta e quatro números neste meio tempo – é justamente por conta deste periódico que se pode conhecer mais acerca do grupo. Sabe-se, por exemplo, que ele aderiu ao Partido Comunista do Brasil²⁵, fundado em 1919 por diversos grupos anarquistas espalhados pelo país que foram influenciados pela Revolução Russa, cujo manifesto foi integralmente transcrito em *O Semeador*.

A fundação de jornais por estes dois últimos grupos foi bastante significativa, pois denota o acúmulo de forças suficiente para tal empreendimento tão custoso em termos materiais e humanos, principalmente em um momento de crise econômica como aquele pelo qual a cidade passava. Além disso, conforme Toledo (1998, p. 101; 107), os jornais – além de serem um “sonho” destes grupos – parecem exercer outras funções: “ainda que formalmente desconectados, os pequenos grupos gravitavam em torno de um núcleo de atração”, que no caso de São Paulo do início do século foi o jornal *O Amigo do Povo*, em torno do qual diversos grupos se articularam. Neste sentido, *O Amigo do Povo* parece ter sido para os grupos paulistanos do início do século o que o *La Protesta* foi para os círculos anarquistas da Argentina no mesmo período (DE MONTROYA, 1986, p. 53), ou o que o *Tierra y Libertad* foi na década de 1930 para os *grupos de afinidad* espanhóis (MEDINA, 2020, p. 221) e talvez o que *O Semeador* e, posteriormente, o *A Voz do Trabalhador* foram para os grupos paraenses no final da década de 1910, ou ainda o que *A Lanterna* pode ter sido para os grupos libertários espalhados pelos diversos estados brasileiros nesta mesma década.

²³ Entre os autores dos livros vendidos, estavam Charles Albert, Sebastien Faure, Jean Grave, Piotr Kropotkin, Leon Tolstói, Emile Zolá dentre outros. Também eram anunciadas na coluna “Leitura Proveitosa”.

²⁴ “Grupos de propaganda”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, nº 1, 1º mai. 1920. p. 2.

²⁵ Apesar da nomenclatura Partido e Comunista, tratava-se de uma organização libertária que fazia críticas à atuação parlamentar/eleitoral, isto é, não era um partido no sentido tradicional (político-eleitoral). Não confundir como o Partido Comunista do Brasil (PCB), fundado em 1922. Sobre o de 1919, cf. BARTZA, 2009.

Figura 01: Bandeira negra estampada em *O Semeador*



Fonte: *O Semeador*, Belém, nº 2, 1º mai. 1919. p. 1.

Quanto a dimensão do grupo *Os Semeadores*, uma lista de membros que efetuaram o pagamento das mensalidades de fevereiro a maio de 1919, publicado no próprio periódico que era o seu porta-voz, dá uma ideia da quantidade de integrantes naquele instante. Foram elencados trinta e sete nomes, os de Benito Rodrigues, Ramiro Coelho, João F. Gonçalves, Antônio Leite, Arthur Santos, Eduardo Pereira, Ayres de Azevedo Pimentel, José Vianna, Antônio A. Monteiro, Albano A. Monteiro, Francisco Fernandes, Severino Souza, João Plácido, Raymundo Oliveira, Américo O. Gomes, Antônio S. da Silva, Ermínio Palais, Antônio Cezar de Azevedo, Laudelino de Oliveira, José de Azevedo, José Arias, José Janino, Antônio Porto, Aurelio Pereira, Armando Baptista, Arcádio Rodrigues, Júlio Thamargo, Antônio Paiva, José Silva Gama, Aurélio Veloso, Anselmo M. Loureiro, Júlio A. Morais, Izidoro M. Martins, José R. Quintal, José Costa, Júlio Rocha Conço e Elias Brito.²⁶ Este não era a quantidade exata, tendo em vista que o mesmo artigo informa que muitos sócios não efetuaram o pagamento das quotas mensais. Destaca-se a completa ausência de mulheres entre seus membros.

Muitos destes nomes podem ser encontrados nas diretorias dos sindicatos ou associações classistas de suas respectivas categorias, como oradores nas manifestações públicas ou nas próprias páginas dos jornais operários assinando artigos e editoriais nos anos finais da década de 1910. Alguns dos integrantes citados acima cujas categorias profissionais foram identificadas são os choferes Benito Rodrigues e Antônio Cezar de Azevedo; os alfaiates Ayres de Azevedo Pimentel,

²⁶ “Grupo os Semeadores”. *O Semeador*, Belém, nº 6, 28 jun. 1919. p. 4.

Bandeiras negras na Amazônia...

Armando Baptista e Elias Brito; o tipógrafo José Silva Gama; o sapateiro Aurelio Pereira e os trabalhadores do ramo da construção civil Antônio Leite e José Arias (marceneiro). Além dos mencionados, é possível identificar outros que contribuíram constantemente com o jornal *O Semeador*, bem como em outras atividades do grupo, sendo provavelmente membros ou simpatizantes dos *Semeadores*, como os empregados do comércio Fernando Nazaré, Honório Santos, Mario Cruz e Mário Pereira Amador e o tipógrafo e escritor Bruno de Menezes. Muitos deles tiveram passagens transitórias pelo grupo, atuando durante alguns meses até que as urgências de ganhar o sustento da vida, o próprio cansaço ou outras incontestâncias os desestimulassem de participar das atividades do coletivo, com seus nomes desaparecendo das folhas do jornal.

Além da publicação do jornal, o coletivo organizou outras atividades de propaganda, como uma série de conferências com temáticas variadas nas sedes das associações classistas e destinadas aos operários, sendo a maioria transcrita integralmente pelas páginas do próprio *O Semeador*. Um levantamento parcial inclui a conferência proferida pelo caixeiro Fernando Nazaré, um dos mais destacados e frequentes oradores operários daquele momento, intitulada *Anatomia Social*, no Teatro da Paz na ocasião do 1º de maio de 1919, onde procurava dissecar a estrutura social do capitalismo.²⁷ Outra também proferida por Nazaré em setembro de 1919 intitulada *Pela Verdade e Pela Ciência*, em comício organizado pelo grupo, de viés racionalista.²⁸ Ainda de Nazaré, uma intitulada *Instruir, eis o problema*, proferida na inauguração da Escola de Educação Racional Francisco Ferrer, em outubro de 1919, fazendo a propaganda da educação como tática do movimento.²⁹

O tipógrafo e escritor Bruno de Menezes, também membro dos *Semeadores*, proferiu uma palestra na sede da União dos Choferes em novembro de 1919 sobre a situação das mulheres operárias na sociedade de então³⁰, e outra na União dos Operários Sapateiros em janeiro de 1920, intitulada *Prisões, castigos e expulsões*, discutindo a repressão aos movimentos operários no Brasil.³¹ Os *Semeadores* ainda enviaram em missão de propaganda dois de seus integrantes, José Clemente e Honório Santos, para a cidade de Bragança; com isso, o grupo “iniciou um dos pontos principais de seu programa que é a difusão e propaganda no interior do estado”.³²

Além das conferências, *Os Semeadores* também organizaram diversas peças teatrais e eventos culturais, anunciadas pelos jornais para os quais contribuíram: em julho de 1919, alguns membros do grupo participaram do festival organizado pela União dos Choferes em benefício de um dos seus associados, Alexandrino Barros, que achava-se enfermo; o evento contou com a representação

²⁷ *O Semeador*, números 4 e 5, de 21 de maio e 14 de junho de 1919.

²⁸ *O Semeador*, números 19, 20 e 22; de 27 de setembro a 18 de outubro de 1919.

²⁹ *O Semeador*, nº 30, dez. 1919. p. 4.

³⁰ *O Semeador*, números 31, 33 e 34; de 20 de dezembro de 1919 a 10 de janeiro de 1920.

³¹ *O Semeador*, números 36 e 37, de 24 de janeiro de 1920 e 31 de janeiro de 1920.

³² “Movimento operário”. *O Semeador*, Belém, nº 18, 20 set. 1919. p. 3.

de *Altivo*, peça da autoria de Ayres de Azevedo Pimentel e da comédia *A fogueira da inquisição*, possivelmente de tom anticlerical, além da recitação de uma poesia e de uma palestra proferidas por Fernando Nazaré.³³ No mês seguinte, foi encenada no Teatro Moderno a peça *Gaspar, o serralheiro* – drama em 4 atos, da autoria do português Eduardo Pedro Baptista Machado – cujo valor das entradas seria revestido em favor da fundação da Escola Racional Francisco Ferrer; o elenco foi composto por “Fernando Nazaré, Cezar Azevedo, Alzira Moura, Aires Azevedo, Benito Rodrigues, Martins Pina, Antônio Figueiredo, Antônio Leite, Antônio Marques, Bento Paulo”.³⁴ A mesma peça foi representada em setembro, com o valor revertido em favor de Joaquim Resende, mais um dos que caíram “vítima do trabalho e do capital”.³⁵

Em fevereiro do ano seguinte, o jornal convidou os trabalhadores para assistirem à peça *O sorvedouro*, de propaganda antialcoólica, e cujo valor das entradas financiaria os representantes paraenses no III Congresso Operário Brasileiro.³⁶ A tática era compartilhada por outras organizações operárias, como a FCT que organizou para o dia 4 de julho de 1920 a encenação da peça *Glórias do trabalho*, cuja soma das entradas seria revestida em benefício da mãe de João Plácido de Albuquerque, que faleceu no Rio de Janeiro enquanto representava os trabalhadores paraenses no III COB.³⁷ Já a Federação das Classes da Construção Civil do Pará promoveu um grande espetáculo em 3 de outubro, com o drama *Os deportados*, a comédia *sexta-feira... e 13!* e a peça *Cabaret*.³⁸

É possível perceber no empreendimento destes espetáculos teatrais um duplo objetivo: a propaganda de temáticas caras ao ideário anarquista, como o anticlericalismo e o combate ao alcoolismo, e a arrecadação de fundos pecuniários para campanhas de solidariedade, como para a auxílio a trabalhadores que passavam por dificuldades – vítimas de acidentes de trabalho ou de enfermidades – ou para a fundação da Escola Racional Francisco Ferrer, por exemplo. Táticas idênticas eram utilizadas pelos anarquistas de São Paulo, que promoveram uma intensa vida cultural entre o operariado da capital paulistana naquela década, conforme exposto por Francisco Foot Hardman (1983).

Todas essas atividades tinham como finalidade a propaganda dos ideais caros ao anarquismo, sobretudo entre os trabalhadores de Belém. Para tanto, se utilizavam tanto da palavra escrita por meio de seu jornal – que não por acaso adotou o subtítulo “órgão de propaganda sociológica” de seu sétimo número (de julho de 1919) em diante – quanto por meio da oralidade,

³³ “Teatro moderno”. *O Semeador*, Belém, nº 8, 12 jul. 1919. p. 3.

³⁴ “Teatro moderno”. *O Semeador*, Belém, nº 14, 23 ago. 1919. p. 3.

³⁵ “Gaspar, o serralheiro”. *O Semeador*, Belém, nº 17, 13 set. 1919. p. 4.

³⁶ “Teatro moderno”. *O Semeador*, Belém, nº 40, 20 fev. 1920. p. 4.

³⁷ “Notas diversas”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, nº 9, 26 jun. 1920. p. 4.

³⁸ “Teatro moderno”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, nº 21, 25 set. 1920. p. 3.

Bandeiras negras na Amazônia...

com discursos, palestras, conferências e peças teatrais levadas a cabo por seus integrantes, provavelmente buscando alcançar os trabalhadores que não eram alfabetizados.

O grupo *Os Semeadores* passou por um processo de dissolução em meados de 1920, como indica um convite da sua comissão executiva aos seus sócios para uma assembleia onde tratariam justamente sobre esta questão.³⁹ Embora não tenham tornado públicos os motivos para seu fim, provavelmente acompanharam o momento de declínio das lutas operárias em Belém naquele ano, já que a repressão e o recrudescimento da crise econômica podem ter cansado os militantes e reduzido suas esperanças. Em agosto do mesmo ano, o grupo entregou a administração da Escola Racional Francisco Ferrer à uma comissão do Sindicato dos Sapateiros.⁴⁰

Após a greve geral de maio de 1919, o movimento operário paraense sofreu uma grande retração, verificada aliás em outras regiões do país, com a diminuição da frequência de greves, a desorganização de muitos sindicatos e a extinção dos periódicos operários que circulavam até então. Por conta do quase desaparecimento dos jornais operários em Belém, as informações sobre este período são bem mais escassas. Isto não significa, no entanto, uma ausência total de manifestações classistas e a presença dos anarquistas ao longo da década de 1920. Alguns libertários belemenses se congregaram, entre o final de 1926 e o início de 1927, em torno do *Centro de Estudos Sociais* (CES).

Assim como na década anterior, os militantes anarquistas de Belém procuraram manter contato com seus congêneres de outras regiões do país, como com a redação do semanário *A Plebe*, de São Paulo, sucessor do *A Lanterna* e que também estava se reorganizando naquele momento. A constância do contato entre os grupos paulistanos e belemenses sugere a existência de uma rede subterrânea e sólida de relações entre os grupos de militantes dos dois centros urbanos, que permaneceu ativa por mais de uma década. O jornal paulistano noticiou a participação de representantes do CES na sessão solene no dia 1º de janeiro de 1927 promovida pela União dos Operários da Construção Civil de Belém e patrocinada pela FCT, para comemorar a chegada do novo ano.⁴¹

O periódico paulistano também transcreveu integralmente a base de acordos do CES (único documento deste tipo que foi encontrado, embora alguns dos anteriores também o pudessem ter); nela, seus integrantes afirmavam proclamar ideológica e filosoficamente o “socialismo anti-autoritário e anti-estatal. Ou seja, o comunismo libertário”, considerando que a organização operária baseada no sindicalismo revolucionário era o veículo de transição entre o capitalismo-estatal e a sociedade anarquista, chamando para si a tarefa de incentivar a prática

³⁹ “Os semeadores”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, nº 9, 26 jun. 1920. p. 2.

⁴⁰ “Convite”. *A Voz do Trabalhador*, Belém, nº 18, 28 ago. 1920. p. 3.

⁴¹ “Mundo operário”. *A Plebe*, São Paulo, nº 247, 12 mar. 1927. p. 4.

sindical, aderindo aos sindicatos existentes e/ou auxiliando na fundação de outros. Como meios de propaganda, o *Centro* preconizava o uso:

da palavra falada e escrita em reuniões, palestras, conferências; veladas, festivais, excursões; editando e prestigiando a venda de jornais, revistas, folhetos e livros que tratem da Questão Social, do nosso Ideal e da Organização Operária, assim como organizando uma Biblioteca Sociológica, Filosófica e Libertária.⁴²

O grupo ainda manteria um corpo cênico e uma orquestra, com administrações autônomas, procuraria manter contato com “grupos afins” de outros estados e países, e – em ocasião oportuna – iria aderir à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)⁴³, sediada em Berlim. Sua sede era na rua Padre Prudêncio, nº 87. Suas bases foram aprovadas em três de outubro de 1926 e assinada por sete nomes: Raymundo Pinheiro Cordeiro, Antônio Pereira da Silva, Pedro Lyra, Benedicto Vianna, Raymundo Gomes da Silva, Arthur Ferreira de Souza e Mauro Serra.

Alguns de seus membros também fizeram parte das manifestações do 1º de maio de 1927, organizadas pela FCT e de um *meeting* organizado pelo Partido Republicano Socialista do Pará na praça da República em protesto contra a condenação dos anarquistas italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, nos Estados Unidos, em maio do mesmo ano; na ocasião, os integrantes do CES distribuíram panfletos libertários recebidos de uma organização não especificada paulista.⁴⁴ Não foi possível identificar por quanto tempo o grupo durou e quando se dispersou.

Registra-se ainda o *Grupo de Propaganda Social do Pará*, um dos seis grupos anarquistas a enviar delegados para o IV Congresso Operário do Rio Grande do Sul em janeiro de 1928, cuja única referência encontrada foi um texto do militante anarquista Domingos Passos transcrito por Edgar Rodrigues (1979, p. 72), sendo representado pelo próprio Passos no Congresso (LONER, 2011), dedicado as atividades de propaganda, como seu nome faz supor.

Os grupos de afinidade anarquista e os sindicatos operários

Como exposto acima, os grupos anarquistas em Belém lançavam mão de uma série de táticas e práticas em sua militância: a distribuição de livros, folhetos, panfletos e jornais, especialmente em meio ao operariado; a fundação de escolas baseadas na pedagogia racionalista de Francisco Ferrer; a realização de palestras e conferências com temáticas ligadas ao mundo operário e à própria ideologia anarquista; a organização de peças teatrais com o intuito de propaganda; a publicação de jornais, dentre outras. No entanto, uma das formas de atuação mais importantes e

⁴² “A Acção Libertária no Pará”. *A Plebe*, São Paulo, nº 248, 26 mar. 1927. p. 4.

⁴³ Esta AIT foi uma federação de organizações operárias fundada no início da década de 1920 e que pretendia congregiar os remanescentes anarquistas e sindicalistas revolucionários como alternativa à Internacional Sindical Vermelha, de orientação comunista.

⁴⁴ “Do Pará Proletário”. *A Plebe*, São Paulo, nº 254, 25 jun. 1927. p. 2.

Bandeiras negras na Amazônia...

significativas foi a participação de seus membros nos sindicatos e associações classistas, locais privilegiados para realização da propaganda e de contato com os trabalhadores não anarquistas, bem como os defensores de outras tendências político-ideológicas.

Alguns historiadores do trabalho, analisando a posição dos anarquistas brasileiros em relação à participação nos sindicatos, identificaram três linhas de atuação: os que rejeitavam completamente os sindicatos, por considerá-los reformistas e/ou conservadores; os que atuavam no interior dos sindicatos se utilizando do método do sindicalismo revolucionário, isto é defendendo a neutralidade política deles – para estes, os sindicatos não deveriam ser necessariamente anarquistas, mas congregar trabalhadores dos mais variados credos políticos, unidos em torno dos interesses econômicos comuns, sendo também espaços de propaganda dos ideais anárquicos – e por fim, aqueles que defendiam que os sindicatos deveriam ter explicitamente como objetivo a construção da sociedade anarquista ou o “comunismo anárquico” (DE OLIVEIRA, 2009, p. 58-89; TOLEDO, 2004, p. 41-53).

Já Felipe Côrrea faz uma classificação das posições dos anarquistas em relação à organização. Para Côrrea (2012, p. 168):

O debate sobre a questão da organização no anarquismo envolve três posições fundamentais: 1.) o *antiorganizacionismo*, dos anarquistas que são contrários à organização, tanto a nível social, de massas, quanto no nível político-ideológico, anarquista; esses anarquistas defendem, em geral, a atuação individual ou em pequenas redes ou grupos informais; 2.) o *sindicalismo/comunitarismo*, dos anarquistas que sustentam que a organização dos anarquistas deve se dar somente no nível social, de massas, e que criar organizações especificamente anarquistas seria algo redundante, pois os movimentos populares poderiam levar a cabo toda a estratégia anarquista; 3.) o *dualismo organizacional* que sustenta serem necessárias, além das organizações de massa, as organizações específicas para promover as posições anarquistas de maneira mais consistente.

No que tange aos anarquistas de Belém, predominou a posição sindicalista revolucionária, tendo em vista que não foram encontrados na imprensa operária e libertária local (*Jornal do Povo*, *A Revolta*, *O Semeador* e *A Voz do Trabalhador*) textos contrários à organização dos trabalhadores em sindicatos. Bem pelo contrário, eram muito recorrentes em suas páginas apelos aos trabalhadores para que organizassem sindicatos ou se filiassem aos existentes, além de convites para as assembleias dos mesmos ou notícias do cotidiano sindical. Já nos estatutos das organizações classistas⁴⁵, muitas das quais tinham anarquistas entre seus filiados ou mesmo em suas diretorias, não foram encontrados artigos ou *caputs* que estabelecessem o anarquismo como seu objetivo final, mas eram muito recorrentes aqueles que indicavam a admissão de sócios independentemente de

⁴⁵ Cópias digitalizadas de vários estatutos de entidades classistas paraenses podem ser consultadas online no site do Centro de Memória da Amazônia. Disponível em: <https://www.cma.ufpa.br/estatutocaixa.html>. Acesso em 17 jun. 2022.

raça, nacionalidade, as vezes de gênero, ou de credos políticos e religiosos, característica que marca a presença do sindicalismo revolucionário. As posições antiorganizacionistas ou contrárias a atuação dos anarquistas em sindicatos, se estiveram presentes, foram muito minoritárias e pouco expressivas em Belém deste contexto.

Na verdade, muitos membros dos grupos anarquistas foram diretamente responsáveis pela fundação de entidades classistas, como a UGT, que teve entre seus fundadores Antônio Domingues e Antônio da Costa Carvalho, representando respectivamente o Sindicato dos Sapateiros e o Sindicato dos Vendedores Ambulantes⁴⁶ – ambos foram expulsos de Belém devido ao seu engajamento no movimento (FONTES, 2002, p. 246-280) – cujos nomes estiveram entre os dos membros do *Centro Humanitário Amor, Ciência e Liberdade* e do *Centro Libertário Porvir*, respectivamente. A primeira diretoria da FCT foi composta por Benito Rodrigues como secretário-geral, Tito Salgado como secretário de expediente, Júlio Clemente como secretário de atas, Antônio Leite como tesoureiro e Aurélio Pereira como bibliotecário⁴⁷; todos faziam ou fizeram parte dos grupos anarquistas: Benito Rodrigues, Antônio Leite e Aurelio Pereira constam na lista dos membros dos *Semeadores*, ao passo que Tito Salgado e Júlio Clemente fizeram parte do *Aurora Libertária*. A presença dos anarquistas na direção da FCT não implica necessariamente a plena hegemonia deles nos sindicatos que a compunham, mas indica a constituição da área de influência dos militantes anarquistas entre o operariado paraense.

Tendo isto em vista, os grupos de afinidade libertários belemenses parecem corresponder ao que Felipe Córrea denominou de “organizações específicas anarquistas”, que adotaram a estratégia do dualismo organizacional “que se apoia na ideia de que deve haver dois níveis de organização: um social, de massas, e outro político-ideológico, anarquista; no nível social, dos sindicatos, os anarquistas organizam-se como trabalhadores; no nível político, organizam-se como anarquistas” (CÔRREA, 2012, p. 172). Adotaram, portanto, táticas muito parecidas com os anarquistas “organizadores” argentinos, que atuavam em duas frentes: no terreno operário dos sindicatos e no terreno anarquista dos “círculos libertários” (DE MONTOYA, 1985, p. 50-51).

Considerações finais

Conforme já anotou Edward P. Thompson, “é desnecessário dizer que sempre haverá muitas coisas obscuras acerca de grupos engajados em atividades ilegais, que tiveram o cuidado de deixar poucos traços registrados” (THOMPSON, 1987, p. 177) – embora seja estranho aos olhos contemporâneos que distribuir folhetos e jornais ou fundar pequenas escolas fossem atividades

⁴⁶ “No estado do Pará”. *Onze de Janeiro*, Belém, número único, 11 jan. 1918. p. 1.

⁴⁷ “Estatutos da Federação das Classes Trabalhadoras”. *O Semeador*, Belém, nº 10, 26 jul. 1919. p. 2.

Bandeiras negras na Amazônia...

ilegais. Portanto, muitas perguntas sobre esses grupos podem ser respondidas apenas com hipóteses ou especulações, como quanto a suas dimensões numéricas – estimadas, muito imprecisamente, em algumas dezenas de integrantes.

Pelo menos neste ponto, os grupos brasileiros parecem ter uma especificidade em relação aos seus congêneres de outros contextos, já que eles eram relativamente numerosos. Remetendo a um relatório da polícia paulistana, Toledo (1998, p. 98-99) citou os grupos da *Ponte Grande*, composto por “uma vintena de italianos”; o *Pensiero ed Azione*, do qual faziam parte “uma centena de operários”; e o grupo *Aurora*, “com uns quarenta aderentes e contribuintes voluntários”. Em Belém também haviam grupos numericamente expressivos, como o *Centro Humanitário*, que afirmou contar com mais de 100 associados em sua fundação e que reuniu quase trinta assinaturas em protesto ao congresso operário de 1912, e *Os Semeadores* que listou quase quarenta membros quites com as mensalidades em 1919. Diferindo desta forma dos círculos anarquistas argentinos, que “estaban constituidos, em general, por pocas personas, a veces solo três o seis” (DE MONTROYA, 1986, p. 54), ou dos anarquistas espanhóis que “preferían grupos pequeños en los que las relaciones fueran mucho más personales, a grupos grandes en los que sus miembros no se conocieran bien” (MEDINA, 2020, p. 221).

Como características gerais destas organizações, pode-se indicar a efemeridade em suas trajetórias, já que todas elas surgiram e se dispersaram no espaço de um ou dois anos, apesar de alguns militantes terem participado de mais de uma delas – como João Plácido, que foi membro do *Os Perseguidos* e de depois do *Os Semeadores* – se configurando em fios de ligação entre as diversas agrupações que surgiram ao longo dos anos e indicando algum grau de continuidade ou de aproveitamento por alguns grupos do saldo organizativo deixado pelos grupos anteriores.

A própria efemeridade desses grupos impede um levantamento exato de quantos deles estiveram em atividade em Belém ao longo deste período. Além dos mencionados, podem ter existido alguns outros que não deixaram vestígios, principalmente na década de 1920, período em que se dispõe de menos fontes. Mas seguramente nenhum foi tão grande e com um leque de atividades tão amplo quanto *Os Semeadores*, certamente o mais expressivo. De qualquer forma, estes grupos foram extremamente importantes para a militância anarquista em Belém e, em sua efetividade e em suas limitações, foram uma das formas de organização adotadas por parte do proletariado paraenses daquele momento.

Fontes Consultadas:

Guerra Sociale (São Paulo, 1916-1917)

A Lanterna (São Paulo, 1912-1916)

A Plebe (São Paulo, 1927)
A Revolta (Belém, 1919)
O Semeador (Belém, 1919-1920)
A Vida (Rio de Janeiro, 1915)
A Voz do Trabalhador (Belém, 1920)

Referências bibliográficas:

ANARQUISMOS: história e historiografia em perspectivas multidisciplinares e interseccionais. *Revista Crítica Histórica*, ano X, n. 20, v. 11, dezembro/2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/issue/view/475>. Acesso em 17 jun. 2022.

BARTZ, Frederico Duarte. Partido Comunista do Brasil (1919): lutas, divergências e esquecimentos. *Revista Aedos*, Porto Alegre, v. 2, n. 4, 2009.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República. *Ciências sociais hoje*, São Paulo, 1990. p. 117-127.

BIONDI, Luigi. “Desenraizados e integrados. Classe, etnicidade e nação na atuação dos socialistas italianos em São Paulo (1890-1930).” *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Paris, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.3720>. Acesso em 17 jun. 2022.

CÔRREA, Felipe. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, 2012.

DE MONTOYA, Eva Golluscio. Círculos anarquistas y circuitos contraculturales en la Argentina del 1900. *Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, Toulouse, 1986. p. 49-64.

DE OLIVEIRA, Adriano Craveiro. *Trabalhadores na Primeira República no Pará (1860-1930): estudos sobre organizações e greves de uma classe em formação*. 2019. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

DE OLIVEIRA, Tiago Bernardon. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

FONTES, Edilza Joana Oliveira. *“Prefere-se portugueses (as)”: trabalho, cultura e movimento social em Belém do Pará (1885-1914)*. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2002.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: editora brasiliense, 1983.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. São Paulo: Global Ed., 1982.

Bandeiras negras na Amazônia...

LONER, Beatriz Ana. O IV congresso operário gaúcho e o ocaso do movimento anarquista no Rio Grande do Sul. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 7, n. 2, 2011. p. 176-203.

MEDINA, Alejandro Lora. Los «grupos de afinidad», actores del proceso cultural y societario ácrata (Espana, 1930-1939). *Cuadernos de Historia Contemporánea*, Madrid, vol. 42, 2020. p. 215-240.

RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

RICCI, Magda; LIMA, Luciano Demetrius Barbosa. Desiguais por natureza: percepções de um barão amazônico sobre os pensamentos anarquistas e socialistas no alvorecer da República. *Revista História & Perspectiva*, Uberlândia, v.26, n.48, 2013. p. 367-390.

SALLES, Vicente. Canto orfeônico no Pará. Música em contexto. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da UnB*, Brasília, v. 1, n. 1, 2007. p. 57-71.

SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem*: esboço do pensamento político-revolucionário do Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992.

SANTOS, Carlos Henrique Neres dos. *Sob a luz dos infames*: anticlericalismo nas imagens do jornal A Lanterna – anticlerical de combate. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2019.

SANTOS, Igor Ribeiro dos. “*Façamos nós com nossas mãos tudo que a nós nos diz respeito*”: a história do anarquismo e do sindicalismo revolucionário em Alagoas (1906-1920). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SANTOS, Kauan Willian. A bandeira negra entre outras:(trans) nacionalismo e internacionalismo na construção do anarquismo no Brasil (1890-1930). *Revista Crítica Histórica*, Maceió, v. 11, n. 21, 2020. p. 34-65.

TELES, Luciano Everton Costa. A Lucta Social e a existência de uma rede anarquista regional: Tércio Miranda/AM e Antônio Carvalho/PA (1914). *Revista Piauiense de História Social e do Trabalho*, Parnaíba, ano 2, n. 2, jan./jul. 2016. p. 6-15.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário*: Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

TOLEDO, Edilene. Em torno do jornal O Amigo do Povo: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. *Cadernos AEL*, Campinas, n. 8/9, 1998.

Recebido em: 15.06.2022

Aprovado em: 26.01.2023